**O Mal-estar na Cultura Hoje**

**Laura Katz[[1]](#footnote-1)**

A correspondência entre Freud e os seus contemporâneos poderiam ser consideradas como uma obra paralela, alternativa e não menos importante que os trabalhos conhecidos como as suas obras completas.

No intercâmbio epistolar Freud antecipa, ensaia, toma decisões, nomeia pela primeira vez muitos dos seus conceitos e alguns outros pela única vez.

No epistolário, vão sendo elaboradas e se produzindo descobrimentos; entre os seus professores, seus discípulos, sua história e sua época, constrói pontes que articulam legalidades diferentes, funcionamentos heterogêneos; decifra senhas para poder dar conta dessa gramática particular do inconsciente.

A correspondência com Fliess ocupa, no conjunto da obra freudiana, um lugar particular tanto no aspecto temporal, já que ela se manteve desde 1887 até 1902, como no aspecto conceitual. No intercâmbio epistolar com Fliess se pode encontrar o que alguns autores chamam “a alma do descobrimento freudiano”. Lacan, no Seminário II a chamou “a conversação fundamental”.

Também manteve um intercâmbio epistolar com vários escritores da sua época, em geral escritores que ele admirava. Romain Rolland ocupou um lugar privilegiado, havia lido em francês alguns dos seus livros.

O intercâmbio de cartas começa no ano de 1923. Freud manifesta ao decorador Edoard Monod – Herzen o seu desejo de conhecê-lo. A amizade com Rolland se manterá até o final da sua vida. Existem na obra freudiana alguns testemunhos da relação epistolar com ele. Alguns autores consideram Romain Rolland como alguém que ocupou o mesmo papel transferencial que Fliess havia tido no começo nos últimos quinze anos da vida de Freud.

Em 1936, Freud escreve para Romain Rolland uma carta pela ocasião do seu 70° aniversário. Esse escrito cujo nome é: “*Um distúrbio de memória na Acrópole*”, escrito no qual Freud estabelece as condições que “permitiriam a um sujeito atrever-se a ir mais longe que o pai”.

Dez anos antes de Freud enviar para Romain Rolland um exemplar de *O Futuro de uma ilusão*, depois de ter lido lhe escreve uma carta onde diz “que gostaria que ele fizesse uma análise do sentimento religioso espontâneo…que é totalmente diferente das religiões propriamente ditas e muito mais duradouro”, referindo-se ao sentimento oceânico. Freud aceita a proposta de Rolland e como resposta escreve*Mal-estar na Cultura*. O Mal-estar na Cultura foi escrito em um período marcado por profundas turbulências sociais, políticas e econômicas em escala mundial. É um texto em que Freud reflete em grande parte o seu estado de ânimo diante dos acontecimentos da sua época e a sua desilusão perante os fracassos da civilização. Mas, além disso, é um escrito de um homem preocupado pela condição humana no cenário sociocultural e histórico desse tempo. Também é a produção de um pensador que se questiona pela outra cena psíquica que faz alusão à constituição do psiquismo do sujeito. O sofrimento nos acossa desde três fontes: a fragilidade dos nossos corpos, o poder superior da natureza e a relação entre os homens. O que guia a sua escritura é o esforço em afastar-se desse sentimento oceânico, deixando evidente o seu desacordo. Esta ideia do ilimitado que define o sentimento oceânico estimula Freud a refletir sobre os limites da condição humana. Leva o seu pensamento ao extremo para referir-se às dificuldades do homem com seu objeto e da cultura da felicidade. O pensamento freudiano não admite a possibilidade de que “o sujeito possa se evadir da linguagem para submergir-se diretamente nesse oceano ilimitado”. Esta impossibilidade para Freud é contraditória com os conceitos fundamentais da psicanálise. Por este motivo, Lacan, no Seminário VII (1959) *A ética da psicanálise* se refere ao *Mal-estar na Cultura* como “uma obra essencial” na qual Freud realiza a soma da sua experiência e expõe à luz do dia “o trágico da condição humana”.

*Mal-estar na Cultura e Um distúrbio de memória na Acrópole* são dois trabalhos centrais na obra freudiana e estão unidos pelo intercâmbio epistolar entre Freud e Romain Rolland.

Gostaria de me deter em uma carta datada em 4 de março de 1923, seis anos antes de *Mal-estar na Cultura* que, pela sua vez, marca o início da relação epistolar com Rolland que diz:

“Meu caro amigo:

Poder saudá-lo será uma lembrança feliz até o final dos meus dias, pois para nós o seu nome esteve associado a mais bela das ilusões; isto é, a extensão do amor a toda a humanidade.

Pertenço, sem dúvida, a uma raça que na Idade Média era tida como responsável por todas as epidemias e a que hoje se atribui a desintegração do Império austríaco e a derrota alemã. Tais experiências nos tiram a esperança, e, evidentemente, não são alicerce para criar ilusões. Grande parte do trabalho da minha vida (sou dez anos mais velho que o senhor) transcorreu tentando destruir as minhas próprias esperanças e as da Humanidade”, e acrescenta:

Mais ainda se aquelas não podem tornar-se realidade, ou se conseguem em parte; se no transcurso da nossa evolução não aprendemos a desviar os próprios instintos da senda que conduz à destruição dos nossos semelhantes; se continuamos nos odiando por coisas insignificantes e nos exterminando por um ruim ânimo de lucro; se seguimos explorando os grandes progressos realizados no controle dos recursos naturais para nossa mútua eliminação, que classe de futuro nos é oferecida? Sem dúvida, é difícil livrar a preservação da nossa espécie do conflito que existe entre a nossa natureza instintiva e as exigências da civilização.

Meus escritos não podem ser, como os seus, alívio e sossego para o leitor, mas penso que terei que acreditar que despertaram o seu interesse, tomarei a liberdade de lhe enviar um livrinho que, sem dúvida não o conhece: “Psicologia das Massas e análise do Ego”, publicado em 1921. Não é que considere que este trabalho seja especialmente satisfatório, mas sim, penso que basta para compreender a sociedade.

Sinceramente seu, Freud”

Quanta vigência tem esta carta à luz dos acontecimentos que estamos atravessando!

E me pergunto:

Poderíamos ler esta carta hoje como um pedido à cordura da espécie humana?

Este é um tempo onde a sensação de inquietação, desassossego e carência de certezas atravessam o mundo fantasmagórico de cada um de nós e também como parte do coletivo.

Será que este fato extraordinário que estamos vivendo nos deixa expostos a nossa fragilidade, à mortalidade como destaca Freud a partir 1920, como horizonte necessário da vida?

O que nós, os psicanalistas, fazemos com o caudal que herdamos?

Colocaremos a serviço das perguntas que hoje nos atravessam atribuídas pela inquietação e pelas incertezas?

Será que devemos enfrentar o risco da experiência do inconsciente no desejo, sempre decidido a renovar a sua aposta? Renovar a aposta pelo desejo implica resgatar o valor da palavra na sua “ dimensão dialógica” para poder, desta maneira, nos encontrarmos com aquela ressonância que resgate a capacidade de assombro e de criatividade.

Diante das circunstâncias coletivas que estamos atravessando, o encontro analítico permite ao sujeito em transferência construir laço social, entendendo o laço social como uma estrutura simbólica fundamental para poder dar suporte e apoio à subjetividade.

Voltando ao mal-estar.

Se poderá eliminá-lo?

Poderíamos pensar em algum tipo de “fertilidade do mal-estar” como destaca Mariano Horenstein, para que hoje “nossas vidas (possam ser) mais vivíveis e nossos tempos menos brutais”?

A psicanálise permite que a aposta continue de pé para poder enfrentar  o mal-estar, que mantém as três funções anunciadas por Freud em 1929, absolutamente vigentes: a fragilidade dos nossos corpos, a supremacia da natureza e a insuficiência de normas para regular os vínculos entre os homens.

Tradução : Sirlei Reginatto

Bibliografia

-Perel, M (2006)Variaciones sobre el método. Puntualizaciones en alguna correspondencia entre Freud y sus contemporáneos. Revista de Psicoanálisis. Asociación Psicoanalítica Argentina. Tomo LXIII. N\*4

-Lacan, J. (1955) Seminario II. El yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica 1987 .Ed. Paidós. Buenos Aires

-Lacan, J. (1959) Seminario VII. La Ética en Psicoanálisis. Ed. Paidós. Buenos Aires

-López, H (2017) Freud contra el “sentimiento oceánico”. Artículo publicado en la Revista Universitaria de Psicoanálisis. Año 2017, N.17. Facultad de Psicología. Universidad de Buenos Aires

-Correspondencia de Freud. Edición Crítica Establecida por orden Cronológico. Tomo IV(1914-1925). La Gran Guerra. Consolidación. Traducción Nicolás Caparrós. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid, 1999

-Freud, S (1929) Malestar en la Cultura. Obras Completas. Tomo VIII. Madrid. Biblioteca Nueva

- Horenstein, M .El malestar en la cultura. Artículo publicado en Babelia. Revista Cultural del Diario El País. 20 de Junio 2020

1. Membro Titular Associação Psicanalítica Argentina (APA). Diretora de Comunidad y Cultura FEPAL. Gestão 2018-2020 [↑](#footnote-ref-1)